

“Meus cumprimentos, meu caro leitor”: José de Alencar folhetinista

Adeitalo Maneol Pinho¹
Edinage Maria Carneiro da Silva²

Resumo: o ensaio aborda o perfil cronístico do maior romancista brasileiro do período romântico e do século XIX. É também objetivo do texto fazer ligação com a literatura brasileira publicada em periódicos, ou como denomina o professor Adeitalo Manoel Pinho, *Literatura de Jornal*. O texto fundamenta-se em pesquisa de fontes e argumentos da historiografia.

Palavras-chave: José de Alencar; Folhetim; *Ao correr da pena*; Imprensa do séc. XIX.

“My compliments dear reader”: The serial publisher José de Alencar

Abstract: The present essay approaches the chronicler profile about the most notable novelist of the romantic period and also of the nineteenth century. To make a link with the Brazilian literature published in

¹ Prof. Adjunto de Literatura Brasileira da UEFS, BA; Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural; Coordenador Executivo do Centro de Pesquisa em Literatura e Diversidade Cultural; Coordenador do GELC Grupo de Estudos Literários Contemporâneos.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural/UEFS; Membro do GELC (Grupo de Estudos Literários contemporâneos).

newspaper serials which is called by Professor Adeíalo Manoel Pinho as Newspaper Literature is another goal of this work. This work is based on a research that uses historiography arguments sources.

Keywords: José de Alencar; Newspaper Serial; Handy Writing; Nineteenth century Press.

Introdução

“Eis-me de repente lançado no turbilhão do mundo”.

José de Alencar

José de Alencar (1829-1877) deve ao jornal a estreia de sua carreira de escritor. Como muitos do seu tempo, a exemplo de Manoel Antônio de Almeida e Joaquim Manuel de Macedo, Alencar iniciou sua atividade como escritor em jornais do século XIX. Inicialmente escrevendo “o folhetim vale tudo”³, texto-embrião da crônica jornalística, e depois o folhetim literário, através do qual chegavam ao leitor as narrativas romanescas. Mas, cabe de início uma definição mais clara e precisa para os dois tipos de folhetins, muitas vezes empregados indistintamente. O gênero, que ocupava o rodapé das primeiras páginas dos jornais, teve origem na França e boa acolhida por escritores e público leitor brasileiros do século XIX. Segundo Marlyse Meyer:

³ Tomamos emprestada a expressão a Marlyse Meyer, mesmo porque entendemos que ela, a expressão, designa muito bem este tipo de texto que, de fato, se propunha a abordar muitos e diversos assuntos.

De início, ou seja, começos do século XIX, *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* _ rés-do-chão, rodapé _ geralmente o da primeira página. Tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento. E pode-se já antecipar, dizendo que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo [...] (MEYER, 1996, p. 57).

Pelo fato de estar voltado ao entretenimento, chama por demais a atenção do público leitor, também ávido por comentários a respeito de fatos do cotidiano da corte. O escritor, ciente do gosto de leitor pela narrativa leve, empenha-se em agradá-lo, fazendo vir a público os mais diversos assuntos, abordando alguns tidos como mais sérios, bem como outros considerados mais frívolos. Por sua vez, o folhetim literário surge do sucesso obtido pelo “folhetim vale tudo”. Também Meyer nos informa do seu surgimento na França:

Com os dois novos jornais (*Le Presse*, do pioneiro Gerardin e *Le Siècle*, que o pirateou de saída), vai se ampliar o campo semântico da palavra. Lançando a sementeira de um boom lítero-jornalístico sem precedentes e aberto a formidável descendência, vai-se jogar ficção em fatias no jornal diário, no espaço consagrado do folhetim vale-tudo. E a inauguração cabe ao velho *Lazarillo de Tormes*: começa a sair em pedaços cotidianos a partir de 5 de agosto de 1836 (MEYER, 1996, p. 58-59).

Segundo Lira Neto, o gênero foi bem recebido em solo tropical. Nos periódicos brasileiros, serviu para projetar vários dos que viriam a ser também grandes escritores literários. No Brasil, o folhetim faria um percurso muito parecido com a sua trajetória francesa:

O gênero, então, havia se tornado uma febre na imprensa fluminense. Segundo a tendência inaugurada pela imprensa francesa, todos os jornais da corte dedicavam os rodapés de suas primeiras páginas à publicação dos popularíssimos folhetins. Qualquer jornal que se prezasse tinha seu folhetinista cativo. Quanto mais lido e comentado ele fosse, maior a garantia de novos assinantes e de exemplares avulsos vendidos na rua.

Sem exceção, os periódicos seguiam todos a mesma fórmula aprovada pelo público leitor. Nos dias úteis, saíam os folhetins literários, ou seja, romances escritos em capítulos, em sua grande maioria traduções de autores franceses. Os fins de semana, principalmente aos domingos, eram reservados aos folhetins em forma de crônica, a exemplo daqueles publicados para os quais Alencar fora contratado para escrever [...] (LIRA NETO, 2006, p. 90).

Alencar foi escritor dos dois tipos de folhetins e sua trajetória segue o caminho trilhado pelo gênero em solo francês. Primeiro aventurou-se pelo folhetim não literário, para só depois estrear como folhetinista literário ou romancista, com a publicação, no rodapé de **O Diário do Rio**, de **Cinco minutos**, no final do ano de

1856. As crônicas que escreveu, inicialmente no **Correio Mercantil** e depois no **Diário do Rio**, tiveram grande repercussão no Rio de Janeiro de então e ajudaram a projetar o nome do escritor no cenário das letras nacionais.⁴ Joaquim Nabuco reconheceria, em 1875, na polêmica que travara com Alencar em torno das questões do nacionalismo em nossas letras, o talento que o autor de “Ao correr da pena” tivera para crônica. Assim, em texto publicado no jornal **O Globo** de 10 de outubro daquele ano, Nabuco declara:

Os folhetins que sob o título _ Ao correr da pena _ ele escreveu para o **Mercantil** são o ponto de partida de sua vida de homem das letras; são eles que tornam o seu nome conhecido, que fazem-no entrar por uma porta no **Jornal do Comércio** e sair por outra no **Diário do Rio**, como redator-gerente; não são por outro lado um ensaio da adolescência, um desses improvisos da Academia; são a manifestação do seu talento já em uma idade em que todo escritor é obrigado a responder pelas obras que assina. Nenhum estudo sobre o Sr. José de Alencar seria completo, se essa época importante de sua vida fosse deixada de parte (NABUCO, 1978, p. 68).

José de Alencar, já diplomado em Direito, contava

⁴ Faremos alusão, mais adiante, a pouco conhecida seção “Álbum” a qual Alencar esteve à frente, no **Diário do Rio**, antes de “Ao correr da pena”. Naquela seção, o escritor, de fato, estrearia como folhetinista, ainda que tenha escrito apenas quatro crônicas semanais. Talvez devido ao reduzido número de textos que compuseram a seção, esta não tenha se tornado tão evidente quanto “Ao correr da pena”.

com 25 anos de idade quando foi indicado pelo ex-colega e já renomado jornalista Francisco Otaviano para substituí-lo na escrita dos folhetins semanais do **Jornal do Commercio**, uma vez que passaria a se ocupar da seção política do **Correio Mercantil**. O **Jornal do Commercio** não aceitou a indicação e,

Diante da recusa, Otaviano convidou Alencar para se incumbir da seção forense e das “Páginas menores”, o folhetim do **Correio Mercantil**, surgindo assim a série “Ao correr da pena”, espaço primeiro de criação e experimentação do aprendiz de escritor. Testando recursos de linguagem para organizar as transições entre assuntos díspares, aprendendo a difícil arte de controlar leitores de atenção arisca e de gostos diversificados, ao mesmo tempo em que desenvolvendo uma narrativa leve, ágil e com um certo ar de quem está escrevendo meio que “à toa”, estes folhetins começaram a acertar um tom que transformar-se-ia em verdadeiro fio condutor de sua futura produção literária (SOUZA, 1998, p. 124).

A matéria mais abrangente dos folhetins alencarianos é o Rio de Janeiro de 1854 e 1855. Faria defende que,

Se uma das características básicas do folhetim é o registro de fatos importantes da semana, é evidente que o conjunto escrito “ao correr da pena” tem uma importância documental inquestionável. Muitas das transformações pelas quais passou o Rio de Janeiro na década de 50 do século XIX estão assinaladas nesses

textos despretensiosos que, no entanto, refletem a fisionomia de uma cidade vivendo o seu primeiro momento de progresso e modernização, em moldes capitalistas, ainda que incipientes (FARIA, 2004, p. XXIV).

Ao posicionar-se como verdadeiro *flâneur*, Alencar dedica-se ao trabalho de descortinar para o leitor a paisagem da cidade, ao visitar espaços como o Passeio Público, a praia de Botafogo, como o faz na crônica de 29 de outubro de 1854. Também pinta verdadeiros painéis de costumes e cenas citadinas reveladoras da modernização, como a movimentação comercial da rua do Ouvidor, os espetáculos do teatro lírico, a chegada das primeiras máquinas de costura, a iluminação a gás da cidade, dentre tantos outros. Dessa forma, oferece ao leitor de hoje uma impressão muito próxima do que era o Rio de Janeiro daquela época.

Escritos entre 3 de setembro de 1854 e 8 de julho de 1855, os 37 folhetins ajudaram a dar visibilidade ao futuro ficcionista, projetando-o no meio intelectual da então capital do Império. Depois, ao deixar o **Correio Mercantil** e passar a redator-gerente do **Diário do Rio**, embora envolvido com as responsabilidades do cargo, a pena do autor de *Iracema* não abandonou de tudo a escrita dos folhetins, produzindo ainda sete desses textos, entre 7 de outubro e 25 de novembro de 1855 (FARIA, 2004).

Cada crônica encerra um mosaico de diversos assuntos, entre os quais o autor transita com desenvoltura, deixando que sua pena corra livremente. Assim, é possível se referir à estação do ano, ao teatro

lírigo, à limpeza da cidade, ao sermão de determinado sacerdote, por exemplo, em um mesmo folhetim. Podendo limitar-se apenas aos assuntos menos graves que encontrariam recepção certa junto ao leitor iniciante do XIX, Alencar ousou mais e transitou, nessas crônicas, por assuntos que chegaram a abalar interesses de pessoas de prestígio na sociedade carioca de então. Neste sentido, Silvia Cristina Martins de Souza chama a atenção para o valor da abordagem de assuntos prementes, contemporâneos a Alencar, que ele discutiu nas crônicas. Para a estudiosa,

[...] ao combinar a descrição do cotidiano com a prescrição de valores que considerava os melhores para aquela sociedade, encontramos um Alencar captando o social e suas circunstâncias, percebendo suas implicações, assimilando-as, retrabalhando-as e conferindo a elas a base de sua escritura (SOUZA, 1998, p.127).

Por posicionar-se de forma crítica sobre alguns dos assuntos em evidência, Alencar terminou contrariando alguns interesses ligados ao jornal **Correio Mercantil** e, por não admitir cortes e censuras nos seus textos, terminou por pedir demissão do periódico. O fato se deu devido a cortes no folhetim em que ele criticava a especulação no mercado de ações. Voluntarioso, Alencar não admitia que ao folhetinista fosse cerceada a liberdade de expressão e, através de uma carta ao amigo Francisco Otaviano, datada de 08 de julho de 1855, desabafa: “Tendo saído estropiado o meu artigo de hoje, é necessário que eu declare a motivo por que entendi não continuar a publicação da ‘revista semanal’

dessa folha, visto desaparecerem algumas frases que o indicavam claramente” (ALENCAR, 1960, p. 1330, apud FARIA, 2004, p. XV). Era uma forma de justificar o seu afastamento do periódico, perante o amigo que lhe confiara a redação da cônica semanal.

A bem sucedida temporada de Alencar à frente de “Ao correr da pena”, no **Correio Mercantil**, abriria para ele as portas do **Diário do Rio de Janeiro**, agora na posição de redator-chefe:

Ao cabo de quatro anos de tirocínio na advocacia, a imprensa diária, na qual me arriscara apenas como folhetinista, arrebatou-me. Em fins de 1856 achei-me redator-chefe do **Diário do Rio de Janeiro** (ALENCAR, 1999, p. 55).

Depois de haver-se “lançado no turbilhão do mundo”, como folhetinista, Alencar aproveitaria também o rodapé do periódico para aventurar-se pelos caminhos da ficção: ao findar aquele ano, ele ofertaria aos leitores do jornal seu primeiro romance, **Cinco minutos**. Além disso, não abandonaria de todo a crônica semanal.

Um folhetinista em busca de definições para o gênero

Embora seja um fato pouco comentado, antes da experiência no **Correio Mercantil**, com a seção “Ao correr da pena”, Alencar se incursionou pela escrita de folhetins no **Diário do Rio de Janeiro**, em uma seção denominada “Álbum”, numa referência aos cadernos

de anotações íntimas muito utilizadas pelas moças românticas da época. Segundo Lira Neto, autor da interessante biografia de José de Alencar,

na verdade, foram quatro folhetins, pequenos tesouros perdidos, editados regularmente, em quatro semanas seguidas, entre o fim de julho e início de agosto de 1854 (LIRA NETO, 2006, p. 89).

Trata-se de textos pouco estudados, talvez por não trazerem a assinatura do autor, embora pistas seguras confirmem a autoria, como uma referência que Alencar faz aos mesmos em artigo publicado no jornal **O Globo**, em 1875. O biógrafo do autor observa que esses primeiros folhetins, que se encontram nos acervos da Biblioteca Nacional, trazem como uma das preocupações primeiras a busca de uma definição para o gênero. Dessa forma,

O jornalista estreante seguia à risca o modelo consagrado de folhetim, que tinha por hábito perambular entre assuntos mundanos e ligeiros, fazendo de entremeio incursões pela política e por outros assuntos ditos mais sérios (LIRA NETO, 2006, p. 91).

A primeira publicação que compõe “Ao correr da pena”, no **Correio Mercantil**, datada de 3 de setembro de 1854, vem marcada, inicialmente, pela preocupação em definir e compreender o gênero, como forma de o autor se justificar e agradar ao público leitor. Afinal, Alencar tinha consciência da capacidade de Francisco Otaviano, a quem ele iria substituir e, inclusive, do bom relacionamento estabelecido entre o jornalista e o público

leitor. Assim, uma das primeiras providências a tomar é intitular a seção, justificando a afinidade entre título e o conteúdo das mensagens que seriam veiculadas: “[...] escritos ao correr da pena são para serem lidos ao correr dos olhos” (ALENCAR, 2005, p. 5).

Nota-se que Alencar chama a atenção para o caráter leve de que deve se revestir o texto. Aproveita a oportunidade para elogiar a escrita de Francisco Otaviano e o faz através de uma pequena narrativa, o “poema fantástico”, no qual explica que o escritor teria recebido os dons da escrita das mãos de uma fada. Utiliza o “poema fantástico” para fazer um apanhado da estada de Francisco Otaviano na seção e por fim esclarece:

Acabou o poema fantástico no fim de dois anos; e um dia o herói do meu conto, chamado a estudos mais graves, lembrou-se de um amigo obscuro, e deu-lhe a sua pena de ouro (ALENCAR, 2004, p. 7).

Em contraponto com a escrita do amigo, Alencar se posiciona de maneira bem humilde:

Por fim de contas, o outro, depois de riscar muito original, convenceu-se que, a escrever alguma coisa com aquela fada que o aborrecia, não podia ser de outra maneira senão – *Ao correr da pena* (ALENCAR, 2004, p. 7-8).

Percebe-se, neste primeiro folhetim, uma preocupação também com a linguagem. Ao recorrer à imagem da fada como metáfora para discutir a habilidade e vocação do escritor Francisco Otaviano

enquanto folhetinista, Alencar permite que o literário ocupe a cena. Nesse sentido, começa confirmando a confluência entre o jornalismo e a literatura no espaço do folhetim. João Roberto Faria, ao apresentar os folhetins de “Ao correr da pena” compilados na edição lida por nós para este trabalho, enfatiza que, em alguns textos, “elementos literários insinuam-se na informação, convivendo com ela em perfeita harmonia” (FARIA, 2004, p. XXI).

Outro elemento que irá insinuar-se com certa constância nos primeiros folhetins será a metalinguagem, na medida em que Alencar não abandona a intenção de questionar a natureza do gênero e a matéria de que é feito. O folhetim datado de 24 de setembro de 1854, que discorre sobre vários assuntos, dentre eles a primeira corrida no Jockey Clube e a inauguração do Instituto dos Cegos, mostrará o cronista em sua *flâneire* por diversos espaços e eventos em busca de pauta para escrever, até um pouco angustiado por conta da sua tarefa:

Tinha me divertido, é verdade; mas aquele domingo cheio, que estreava a semana de uma maneira tão brilhante, fazia-me pressentir uma tal fecundidade de acontecimentos, que me inquietavam seriamente. Já via surgir de repente uma série interminável de bailes e saraus, um catálogo enorme de revoluções e uma cópia de notícias capaz de produzir dois suplementos de qualquer jornal no mesmo dia. E eu, metido no meio de tudo isto, com uma pena, uma pouca de tinta e uma folha de papel [...] (ALENCAR, 2004, p. 25).

Como se vê, o folhetinista tinha que percorrer os diversos espaços e eventos, se expor aos olhares públicos, frequentar bailes, saraus, teatros, enfim, ser dado a eventos sociais, o que não combinava muito com o temperamento meio recluso e arredo de Alencar, marca de sua personalidade desde os tempos de estudante de Direito. Mas,

para cumprir seu compromisso semanal de cronista mundano, o macambúzio Alencar obrigava-se a vencer sua histórica resistência ao burburinho das reuniões sociais e passara a frequentar os salões da corte (LIRA NETO, 2006, p. 92)

algo que passaria a repudiar por conta de ter sido preterido, em detrimento de outro cavalheiro, por uma jovem da alta sociedade a quem cortejava e convidara para valsar. Ainda assim, qualquer sacrifício seria válido para quem tinha os olhos na posteridade, ou seja, desejava inscrever seu nome como um escritor de destaque, como confessaria mais tarde em **Como e porque sou romancista**, sua autobiografia literária.

A abundância de assuntos, matéria para a crônica semanal, preocupa sobremaneira o autor nos primeiros textos. Recorrendo à metáfora do colibri como ave que pousa de flor em flor, retirando o melhor de cada uma, Alencar define o folhetinista como alguém que, dentro da sociedade, deve percorrer os mais diversos espaços e eventos, comentando os diversos acontecimentos, dos mais frívolos aos mais sérios, mesmo porque tem que ser agradável aos diversos tipos de leitores, alvo de sua escrita:

Obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto mais serio, do riso e do prazer às misérias e às chagas da sociedade; e isto com mesma graça e a mesma *nonchalance* com que uma senhora volta às páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e delicadeza com que uma mocinha loureira dá sota e basto a três dúzias de adoradores! Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal, o espírito que deve necessariamente descobrir no fato mais comezinho! (ALENCAR, 2004, p. 25-26).

A versatilidade deve ser um dos atributos do folhetinista, que deve discorrer sobre os principais assuntos semanais, quaisquer que sejam as suas naturezas (culturais, políticos, de entretenimento, concernentes ao progresso e à civilização da sociedade, à moda, por exemplo), modulando seu estilo de escrever de acordo com cada temática. A certa altura da crônica de 3 de dezembro de 1854, em que discorre sobre “os grandes dias da pátria”, “A câmara municipal”, “A pinacoteca”, dentre outros, Alencar se dá conta do voo livre que empreende pois, à medida que escreve, os assuntos fluem e ele transita rapidamente entre eles: “Mas onde já ando eu? Comecei num salão de baile, e parece-me que estou nalgum corpo de guarda. Eis o risco de se escrever ao correr da pena” (ALENCAR, 2004, p.129).

A abrangência temática do folhetim exige do escritor maior habilidade ao exercitar sua tarefa, visto que deve transitar com desenvoltura entre um tema e outro, de maneira ágil, leve, despretensiosa, mas não desprovida

de certo posicionamento crítico. Dessa forma, Alencar usa a sua pena, nos primeiros folhetins, para treinar a redação do gênero, ao mesmo tempo em que busca encontrar uma definição para ele e definir-se enquanto produtor do texto. São muitas as páginas dedicadas a essa discussão metalinguística, pois deseja convencer-se de que tem sob sua responsabilidade a escrita de um texto bem peculiar:

Nada, isto não tem jeito! É preciso acabar de vez com semelhante confusão, e estabelecer a ordem nestas coisas. [...] O poeta glosa o mote que lhe dão, o músico fantasia sobre um tema favorito, o escritor adota um título para o seu livro ou artigo. Somente o folhetim é que há de sair fora (*sic*) da regra geral, e ser uma espécie de panaceia, um tratado de *omni scibili et possibili*, um diário espanhol que contenha todas as coisa e algumas coisinhas mais? Enquanto o Instituto de França e a Academia de Lisboa não concordarem numa exata definição do folhetim, tenho para mim que a coisa é impossível (ALENCAR, 2004, p. 27-28).

Na crônica de 1º de outubro de 1854, o folhetinista não abandona a discussão metalinguística e dedica determinado trecho do texto a discorrer sobre si mesmo, na posição de escritor dos folhetins. Em uma espécie de carta dentro do texto maior (“Fazer de uma carta um folhetim” é um dos títulos que aparece na edição lida) ao redator do jornal, o cronista informa:

A respeito do folhetinista não falemos. Na segunda-feira tem a cabeça que é um caos de

recordações, de fatos, de anedotas e observações curiosas. A imaginação toma ares de pintor chinês, e começa a desenhar-lhe flores e arabescos de um colorido magnífico. As ideias dançam uma contradança no Cassino. A memória passa no meio do salão de braço dado com a ironia, gracejando e fazendo reflexões a propósito (ALENCAR, 2004, p. 36).

O cronista, que se vê em meio a uma sociedade esfuziante, sente dificuldade em selecionar os assuntos que irá abordar. Aparecem os elementos que, juntos e em profusão, o ajudarão a redigir: ideias, imaginação e memória. Assim, mais uma vez são trazidos os vínculos que se estabelecem entre a crônica, enquanto texto jornalístico, e o texto literário. Alencar não prescinde da imaginação e da memória, elementos que apoiam a escrita do texto de ficção, para escrever sobre o mundo não ficcionalizado.

2 Machado dialoga com Alencar

Machado de Assis, em uma crônica intitulada “Folhetinista” publicada no periódico **O Espelho**, de 30 de outubro de 1859, retoma a preocupação de Alencar na busca por uma discussão das características e definições para o folhetim. Interessante diálogo intertextual se estabelece assim entre as primeiras crônicas alencarianas e este texto machadiano.

Como promotores da cultura escrita na sociedade carioca do século XIX, os dois escritores se voltaram

para a conquista do público leitor oitocentista e, para tanto, em seus textos, de natureza ficcional ou não, buscaram fornecer-lhe senhas e protocolos de leituras, em um momento em que o leitorado estava se formando. Patrícia Kátia da Costa Pina, no artigo “Machado de Assis e o jornalismo oitocentista: a crônica e a imprensa educando o leitor” defende que

[...] há pelo menos duas formas de escritores e editores relacionarem-se com seus possíveis leitores: a primeira, pertinente ao século XIX, desde o Romantismo, concerne ao estabelecimento de práticas de sedução e envolvimento do leitorado disponível [...] (PINA, 2005, p.110).

Depois de confirmar a França como país de onde o folhetim “vale-tudo” se originou, espalhando-se para outras partes do mundo, Machado de Assis chama a atenção para a afinidade entre o folhetim e o jornal:

O folhetim, disse eu em outra parte e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal e o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação (ASSIS, 2008, p. 2022).

Outro desses autores de Machados de Assis, que os cultivou às dezenas, foi Lélío, o pseudônimo cronista político do nosso grande romancista (PINHO, 2001). Entenda-se por moderna criação o jornal, veículo de grande importância para base da formação do leitorado

do século XIX, do qual os escritores se aproveitaram para iniciarem suas carreiras.

Logo a seguir, o conceito de folhetinista é retomado, corroborando com o que Alencar dissera em texto já aludido anteriormente: “O folhetinista é a fusão admirável do útil com o fútil, o parto curioso e singular do sério consorciado com o frívolo” (ASSIS, 2008, p. 2022). A reflexão de Machado, 5 anos após a de Alencar, equivale perfeitamente àquilo que o futuro autor de **O Guarani** escrevera, no momento de sua estreia como folhetinista no **Correio Mercantil**. Alencar chamava a atenção que ao redigir o folhetim, o autor teria que contemplar do “[...] gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer às misérias e às chagas da sociedade [...]” (ALENCAR, 2004, 2026).

Retomando ainda mais o discurso alencariano, Machado continua o seu texto, evocando a mesma metáfora empregada por Alencar na definição do folhetinista, a do colibri. Textualmente, diz o seguinte:

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, brinca, tremula, aspira e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política (ASSIS, 2008, p.1022-1023).

Como se percebe, é confirmada a ideia do folhetinista como alguém em constante *flanerie*, a percorrer os diferentes espaços sociais, visto que necessita angariar a atenção dos diversos tipos de leitores e agradá-los na medida em que contemple assuntos que lhes digam respeito.

A propósito, Machado deixa claro que o folhetinista

almeja reconhecimento social e, indiscutivelmente, o seu labor requer muita dedicação. A escrita do texto em si é trabalhosa e, depois de fazer seus voos semanais pela sociedade para captar a matéria de que será feito o texto, o trabalho solitário da escrita demanda esforço e dedicação, além de um ingrediente fundamental que é a inspiração. Citemos o próprio texto:

Entretanto, apesar dessa atenção pública, apesar de todas as vantagens de sua posição, nem todos os dias são tecidos de ouro para os folhetinistas. Há os negros, com fios de bronze; à testa deles está o dia... adivinhem? O dia de escrever! (ASSIS, 2008, p. 1023).

Alencar não deixou de mencionar essas dificuldades pelas quais passa o folhetinista na escritura do texto. O folhetim datado de 1º de outubro de 1854, que se estrutura a partir de uma carta ao redator do jornal, demonstra bem esta questão da dificuldade de escrever. Nele Alencar expõe a falta de inspiração que o acomete para escrever, embora tenha circulado por vários espaços e eventos sociais durante a semana. Começando pela segunda-feira, para o folhetinista terrível por ser o dia dedicado à preguiça, perpassa os demais dias da semana para discorrer sobre a dificuldade de escrever em meio a tantos e esfuziantes assuntos sociais.

3 “Meus cumprimentos, meu caro leitor”.

Há ainda que se pensar na recepção do texto, uma vez que o leitor entra neste cenário com papel de

destaque. Alencar tem consciência do papel do leitor na consolidação ou não do nome do escritor, por isso busca agradá-lo, mesmo porque nesta fase inicial de sua carreira, o texto cumpre dupla e delicada função: ao mesmo tempo em que informa o leitor, vai formando o seu gosto. Por se tratar de textos veiculados em jornal, o sucesso das vendas do periódico, naquele momento, poderia estar diretamente ligado à boa recepção pelo público dos textos do rodapé. Assim, é necessária dedicação suficiente para conquista do mais variado público, atitude que demanda muita habilidade do folhetinista, conforme este trecho do folhetim de 24 de setembro de 1854:

Se se trata de coisa séria, a amável leitora amarrota o jornal, e atira-o de lado com um momozinho displicente a que é impossível resistir. _ Quando se fala de bailes, de uma mocinha bonita, de uns olhos brejeiros, o velho tira os óculos de maçado e diz entre dentes: 'Ah! O sujeitinho está namorando à minha custa! Não fala contra as reformas! Hei de suspender a assinatura.'

O namorado acha que o folhetim não presta porque não descreveu certo *toilette*, o caixeiro porque não defendeu o fechamento das lojas ao domingo, as velhas porque não falou na decadência das novenas, as moças porque não disse claramente qual era a mais bonita, o negociante porque não tratou das cotações da praça e finalmente o literato porque o homem não achou a mesma ideia brilhante que ele ruminava no seu alto besunto (ALENCAR, 2004, p. 26-27).

Nesse trecho, Alencar pincela alguns tipos que compõem o quadro da sociedade letrada de meados do século XIX e dá mostras da relevância do jornal como um dos suportes de leitura naquela sociedade. E aqui retomamos Pina que, ao analisar as relações público/leitor na crônica machadiana, também do século XIX, conclui ser este

diálogo necessário como meio de convencimento e persuasão do leitor oitocentista habituado a uma cultura oralizada e pouco afeito ao impresso, ainda muito novo em solo brasileiro [...] (PINA, 2005, p. 113).

Como se vê, vários tipos de leitores são perfilados por Alencar, alguns como pessoas comuns da sociedade. Aparecem os leitores informais como caixeiros, mas também leitores especialistas, como os literatos, mais críticos e exigentes. Aliás, o autor já sinaliza para o trabalho da crítica literária com a qual travará, quando romancista, alguns embates. Ainda no folhetim anteriormente citado, Alencar aponta a atitude da crítica, muitas vezes contraditória por si mesma:

De um lado um crítico, aliás de boa fé, é de opinião que o folhetinista inventou em vez de contar, o que por conseguinte excedeu os limites da crônica. Outro afirma que plagiou, e prova imediatamente que tal autor, se não disse a mesma coisa, teve intenção de dizer, porque enfim *nihil sub sole novum* (ALENCAR, 2004, p. 26).

O leitor é evocado constantemente no conjunto dos

textos de “Ao correr da pena”. Há uma preocupação do narrador em guia-lo, conduzi-lo ao longo do percurso textual. Na crônica de 10 de dezembro de 1854, Alencar, ao metaforizar o texto como um passeio turístico a Petrópolis, convoca o leitor, tratando-o como um companheiro de viagem. Ele, na condução do texto/passeio, posiciona-se como um guia do leitor:

A caminho, pois, meu amável leitor. Tomai o vosso bordão de *touriste*, o vosso saco de viagem, o vosso álbum de recordações; esquecei por alguns dias negócios, esquecei as obrigações, esquecei tudo e segui-me (ALENCAR, 2004, p. 135-136).

É interessante atentarmos para o conceito implícito de folhetim: ao recorrer à metáfora do passeio turístico, Alencar reafirma o caráter leve e descontraído, imprescindível ao texto folhetinesco .

Valéria Cristina Bezerra (*Online*), em artigo sobre a figuração do leitor nas crônicas de José de Alencar, aponta que o objetivo do escritor é “[...] fazer que o leitor, qualquer que seja, leia o seu texto integralmente, para isso é fundamental despertar sempre o seu interesse, não entediá-lo. Essa sua preocupação é constantemente referida, através de um tom de conversa e lisonja com o leitor.” Percebe-se que emergem caracterizações do leitor como homem e como mulher, visto ocorrerem referências a objetos e ocupações típicos dos dois gêneros. Obrigações e negócios estariam mais para os homens, já álbuns de recordações para as mulheres.

Visto que os textos tratam de assuntos diversificados,

diferentes leitores são plasmados pelo autor. Bezerra (2010) aponta que, ao longo das crônicas, percebe-se que “[...] o folhetinista vai dialogando com interlocutores da imprensa, da política, da literatura e das artes, os quais Alencar demonstra que são leitores de seus conteúdos na seção.” Mas, no geral, emergem dois tipos fundamentais: o leitor e a leitora. Inicialmente, o autor os trata de forma igual, pois tem em vista a conquista do leitorado como um todo. Assim, as primeiras referências e evocações são generalizadas. Mas depois começa a fazer distinção entre os dois, sobretudo no que tange à intelectualidade.

Alencar prevê recepção variada para os textos, por isso os leitores, homens e mulheres, são tratados de forma diferenciada, bem aos moldes do que se pensava e se vivia na sociedade carioca de então no que dizia respeito aos papéis de ambos. Assuntos mais sérios, por exemplo, são direcionados ao leitor e os mais triviais à leitora. Na crônica de 21 de janeiro de 1855, ao abordar assuntos como a política internacional de emigração, em determinado momento, refere-se diretamente à leitora:

Voltai! Voltai depressa esta folha, minha mimosa leitora! São coisas sérias que não vos interessam. Não lestes?... Ah! fizestes bem!

Com efeito, que vos importam a vós estas espécies de companhias, se tendes as vossas à noite, junto do piano, a ensaiar um belo trecho da música, a cantar alguma ária, algum dueto do Trovador? Que vos importa nestes momentos saber o que vai algures, se as ações baixam, ou se uma pobre cabeça atordoada de penar já não pode de tanto eu lhe correr a pena? (ALENCAR, 2004, p. 215).

Lira Neto chama a atenção para o relacionamento

que Alencar estabelece com a leitora, (re)tratando-a ora com reverência, ora com certo tom de ironia, visto que deixa transparecer certa intolerância com relação a alguns aspectos do comportamento feminino. Para o estudioso, *As mulheres*, de modo geral, seriam um dos assuntos prediletos do folhetinista Alencar. Mas, se na maioria das vezes as descrevia com incontida admiração, em outras também não abdicava de retratá-las com doses generosas de sarcasmo. [...] O escritor que viria a idealizar Iracema, a heroína índia seminua, criticava com aberto exagero os artifícios da moda de então [...] (LIRA NETO, 2006, p. 111-112).

Assim, por mais bonitas e inteligentes que pareçam, quase sempre são apresentadas como resultado da moda que adotam e Alencar não perdoa o artificialismo estético feminino, ao mesmo tempo em que critica a indústria da beleza, já em prosperidade no século XIX. Isso pode ser bem ilustrado por este trecho da crônica de 19 de novembro de 1854, quando se refere a “moedeiros falsos e falsificadores da moda”:

Entretanto, imagine-se a posição desgraçada de um homem que, tendo-se casado, leva para casa uma mulher toda falsificada, e que, de repente, em vez de um corpinho elegante e mimoso, e de um rostinho encantador, apresenta-lhe o desagradável aspecto de um cabide de vestidos, onde toda a casta de falsificador pendurou um produto de sua indústria (ALENCAR, 2004, p. 111).

No folhetim seguinte, de 26 de novembro, Alencar expõe o que seria para ele atributos ideais para uma

moça da fina flor social:

Uma mocinha de tom _ que se quer distinguir _ deve aborrecer o baile, e gostar de alguma coisa que não seja trivial, como por exemplo, de rezar, de ler anúncios, e sobretudo conversar com diplomatas sobre questões de alta política internacional (ALENCAR, 2004, 115).

É no contraponto entre elogios e críticas ao feminino que Alencar evoca a mulher, cuja atividade enquanto leitora estava se iniciando. Como porta-voz de valores da sociedade carioca dos oitocentos, é severo, talvez mordaz, com as mulheres, quando discute, por exemplo, o gênero (feminino) da palavra cólera, lembrando outros vocábulos femininos que têm significação negativa. Por outro lado, estrategicamente, lembra às suas “amáveis leitoras”, na mesma crônica de 15 de outubro de 1854, que “[...] as mais belas coisas deste mundo são também significadas por mulheres, assim como a beleza, a justiça, a caridade, a virtude [...]” (ALENCAR, 2004, p. 52).

Considerações finais

Quando Alencar escreve os folhetins de “Ao correr da pena”, embora tímido, ainda não era a pessoa de ar circunspecto e austero como viria a ser reconhecido depois:

Para o tímido o folhetim permitia-lhe dizer descontraído quanto lhe suscitava a vida social da Corte. Festas, espetáculos, acontecimentos

políticos, negócios, grandezas e misérias, tudo passava pelo espírito vivaz, pronto a transformar o fato num comentário (VIANA FILHO, 2008, p. 66).

Para Alencar, o folhetim representou o início da carreira de escritor. Lançando-se no turbilhão da sociedade carioca de então, o tímido escritor, na casa dos 25 anos de idade, frequentou espaços públicos de notoriedade na corte, seus teatros, salões, espetáculos; presenciou acontecimentos políticos, dentre outros.

Assim Alencar, como muitos outros intelectuais da época, dirigiu-se, a esta ‘frutinha do seu tempo’⁵ não apenas por amor à literatura, mas tendo em vista ocupar uma tribuna privilegiada para debater questões do dia, acabando por deixar nos textos sua visão de um tempo vivido (SOUZA, 1998, p.124).

Além da contribuição, enquanto cronista de uma época que é mostrada em muitos aspectos históricos relevantes, a sua produção folhetinesca possibilita a discussão em torno da formação do leitorado brasileiro, tendo o jornal como meio, e as relações que são travadas entre escritor e leitor. Aquele na posição de condutor deste, considerado, por sua vez, como alguém que inicia um passeio, um *tour*, por área desconhecida, necessitando ser guiado.

⁵ A expressão “frutinha do tempo” foi cunhada por Machado de Assis para designar o folhetim e encontra-se no texto “O empregado público aposentado”, publicado em *O Espelho*, em 16/10/1859.

Mas à carreira bem sucedida do folhetinista sobrepor-se-ia à do grande escritor de ficção que foi José de Alencar. Para além da consagração do folhetinista viria a consagração do escritor de literatura e teatro. Na verdade, Alencar soube valorizar o potencial do folhetim para preparar o ambiente para ousar, posteriormente, a escrita dos outros gêneros. Para Viana Filho,

[...] embora propiciasse notoriedade, o folhetim não deixava de ser tido como gênero secundário, superficial, talvez agradável, mas incapaz de influir na opinião séria do país. De certo modo, estaria abaixo da glória sonhada por Alencar (VIANA FILHO, 2008, p. 69).

Como vimos, os primeiros folhetins de José de Alencar evidenciam a preocupação em definir o gênero, mas eles emergem também como forma de o escritor se ajustar com o leitor, alvo do trabalho do folhetinista. Dessa forma, protocolos e senhas de leitura são apresentados ao leitor como forma de conquista e consolidação do seu percurso. Soma-se a esse fato, por outro lado, o notório objetivo do folhetinista de conquistar o seu espaço enquanto intelectual naquela sociedade.

Em Alencar, é interessante observar que a atitude de dialogar com o leitor, na intenção de conduzi-lo no percurso da leitura, será uma constante também em alguns dos textos ficcionais, todos escritos após a experiência folhetinesca. Essa, com certeza, serviu como uma espécie de exercício para a escrita do conjunto de romances que consagraria José de Alencar como o nosso principal romancista romântico.

Referências

ALENCAR, José de. **Ao correr da pena**. Edição preparada por João Ribeiro Faria. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Campinas, SP: Pontes, 1990

ASSIS, Machado de. O folhetinista. In: _____. **Obra completa em quatro volumes**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, vol. 3, p. 1022-1024.

BEZERRA, Valéria Cristina. “Meu amável leitor”: a figuração do leitor nas crônicas de José de Alencar. In: **Anais do SETA**, n. 4, 2010. Disponível em: www.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/view/950/751. Acesso: 30 de Out. 2010.

COUTINHO, Afrânio (Org.). **A polêmica Nabuco-Alencar**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

FARIA, José Roberto. Introdução. In: **ALENCAR**, José de. **Ao correr da pena**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. XI-XXXIII.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIRA NETO. **O inimigo do rei**: uma biografia de José de Alencar ou a mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil. São Paulo: Globo, 2006.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. Machado de Assis e o jornalismo oitocentista: a crônica e a imprensa educando o leitor. In: **Revista Outros sertões**. v. 1, n. 1. Salvador: UNEB, p. 109-121, 2005.

PINHO, A. M. Djalma Viana e Lélío - Cronistas de um outro presente. In: **Anais...** XVIII Seminário Brasileiro de Crítica Literária, XVII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul e I Jornada Internacional de Narratologia, 2001, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, v. 1, p. 71-86.

VIANA FILHO, Luís. **A vida de José de Alencar**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, Salvador: EDUFBA, 2008.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. Ao correr da pena: uma leitura dos folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs). **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 123-143.

